

UMA OITAVA DA PRÁTICA

Cristina Meirelles / CASA7 Memórias e Aprendizagens da Prática¹

Toda experiência de intervenção social e educativa, aqui compreendida nas suas várias formas (ações permanentes junto a uma comunidade, grupo ou rede social; implementação de programas contínuos; desenvolvimento de um projeto específico; um projeto didático, etc.) gera, para além de seus **resultados** específicos, **aprendizagens**, tanto para os profissionais responsáveis pelas ações, quanto para o público envolvido. São aprendizagens que dizem respeito, especialmente, ao como das coisas, isto é, aos caminhos possíveis para a concretização dos objetivos e alcance dos resultados: o desenvolvimento das comunidades, grupos e indivíduos, a sustentabilidade das propostas, a garantia dos direitos, em suma, as mudanças desejadas.

Quando nos engajamos em processos permanentes de reflexão sobre a prática realizada, e sistematização das aprendizagens que dela decorrem, estamos ampliando os efeitos das ações, a ela acoplando **projetos de conhecimento** social ou educativo. Em outras palavras, estamos assumindo que o fazer cotidiano exige um aprimoramento constante e que uma boa via para isto é a consideração aos saberes originados na prática, a partir dos quais estabelecemos a relação construtiva e necessária entre a ação e a reflexão. Esses projetos de conhecimento, para além de qualificarem a prática, ao serem realizados coletivamente, podem também contribuir para outras iniciativas, inserir novos debates na pauta social, e ajudar na consolidação do papel das organizações não governamentais como construtoras de referências que sirvam às políticas públicas como um todo. É deste modo que ampliamos também os efeitos das nossas ações para além dos seus resultados próprios.

Romper a dicotomia entre a ação e seu sentido, tão presente no nosso cotidiano nestes tempos nos quais o fazer toma conta das energias e dos recursos, e investir na construção de processos permanentes de reflexão e sistematização do conhecimento gerado na prática não são, entretanto, tarefas fáceis. É preciso construir os processos, planejar os tempos e, principalmente mudar a cultura da prática assumindo a importância destes saberes e deste conhecimento para os que se dedicam a buscar transformações sociais.

Lemos (como leigos no assunto) na *Wikipedia* que, em música, uma **oitava** é o intervalo entre uma nota musical e outra com a metade ou o dobro de sua **frequência**, ou seja, é a mesma nota musical apenas mais aguda ou mais grave. E também que a melodia é

¹ www.casa7.org.br

composta de muitos elementos, da física do som, da matemática das escalas, dos tons e semitons. É verdade que a emoção das melodias prontas sempre nos alcança, mesmo que não decifrando os elementos que as compõem ou conhecendo seus processos de criação. Mas é também verdade que, se quisermos fazer música, precisamos de um outro conhecimento, aquele do como das melodias, sistematizado em algum lugar.

De modo que, emprestando de forma leiga o exemplo, em tempos nos quais proliferam as idéias da inovação, da escala, da multiplicação, cabem as questões: na língua da prática social e educativa, expressa em projetos, programas e ações diversas, como operar uma oitava acima de maneira a mudar a frequência da nota, que, entretanto, permanece a mesma? Quais são os intervalos e as escalas que compõem as mudanças e transformações desejadas e que afetam a vida das pessoas, grupos e comunidades? Como dar sempre novos sentidos ao fazer cotidiano, considerando que práticas *inovadoras* não são necessariamente outras notas, afinal uma só dá um samba inteiro? E finalmente, como construir o processo e simultaneamente sistematizar o conhecimento e o como das coisas, sem o que não somos atores e autores das nossas melodias, embora afetados por elas?

Trata-se de traduzir as ações cotidianas em palavras, ou qualquer outra forma de expressão, refleti-las e comunicá-las de modo a que possam ser compreendidas por outros, todos aqueles que, cada qual na sua língua, querem transformar o rumo das coisas e se relacionar com o mundo de modo diferente. Assim, transformar a experiência cotidiana e o saber privado em conhecimento que qualifica a prática e que pode ser socializado é, segundo a nossa perspectiva, tarefa da sistematização de experiências. É assim que os fazeres cotidianos, cada qual com sua especificidade, podem ser pensados como partes de um todo, como um conjunto de coisas articuladas em uma teia relacional que lhes confere sentido, cada vez mais capazes de dialogar com um novo contexto social.

Na nossa maneira de entender, é justamente essa ênfase no conhecimento social e prático que confere à atuação social a capacidade de tornar as diferentes propostas mutuamente inteligíveis, permitindo aos atores sociais conversarem sobre as necessidades e aspirações que os movem, ao mesmo tempo em que aprimoram e ampliam os efeitos das próprias ações. Nesta perspectiva, sistematizar experiências é então atribuir esta tarefa à prática cotidiana, mudar a frequência na qual operamos e, desse modo, encontrar os necessários intervalos entre as notas, sem os quais permanecem ocultas as novas escalas possíveis para nossas ações.